
Prezado professor,
Perdoe não ter respondido mais cedo. Os últimos dias do ano no Juizado sempre são fora de série!

Eu também tive uma Lídice, e a história era bem parecida com a sua. Eu tinha dezoito anos, e era apaixonado por Evelyne desde os treze. Por motivos diversos, acabamos nos distanciando, e a vida foi bem dura com ela: perdeu ambos os pais e ficou só no mundo, criada por parentes.

Vagou em algumas casas, até que, revoltada com o tratamento que dispensavam-lhe, pois achava que alguns parentes estavam interessados mais em sua herança que em seu bem-estar, fugiu de casa, retornando semanas depois. Ela tinha catorze anos à época, e o homem que tirou sua virgindade durante os dias da fuga machucou-a profundamente. Ela nunca se recuperou...

Partiu para morar com tios em Recife e sua vida acalmou-se. Voltou para a nossa cidade e nos reencontramos. Ela tinha dezessete e eu dezoito. Era o início da minha faculdade.

Entre as muitas confissões que fizemos um ao outro, sobre o amor, a vida, a esperança e o coração, ela contou-me ter sofrido abusos de primos mais velhos aos sete anos. Era uma época conturbada na nossa pacata cidade, que estava sofrendo com vários episódios de ataques sexuais contra menores. Pelo contexto e inspirado pela confiança, organizei uma manifestação de rua lutando pela dignidade sexual das crianças. Tenho uma foto com ela nesse momento; ela tem um rosto de pura felicidade...

Ela era como um relâmpago forjado nas mais perigosas tempestades da vida. E domou a força dos ventos, tornando-se uma pessoa muito forte. Eu era muito recatado e, depois de um ano, deixei-a escapar. Sinto muito arrependimento por não ser, à época, sereno e ponderado como sou hoje. Seu pensamento de que "E eu tinha 17 anos não conseguí entender toda sua complexidade" é bem fácil de entender.

Engraçada é a vida: hoje eu sou exatamente o homem que ela precisaria para moldar-lhe a felicidade. Mas só tornei-me assim porque passei pela dor da nossa separação. Os paradoxos do coração

são mais insolúveis que os da matemática, não acha?

Ficamos distantes por muito tempo, e, há cerca de dois anos, começamos a nos falar novamente. Tornamo-nos amigos, mas com um sentimento muito forte um pelo outro. Vivi a minha vida, arrumei uma pessoa maravilhosa a quem amo com todo o coração, mas aquele primeiro amor cristalizou-se como um diamante no meu peito.

No começo deste ano, a Evelyne, a pequena Eva, o raio de sol que por tanto tempo iluminou o meu mundo, partiu para encontrar seus pais. Ela faleceu em decorrência de uma pancreatite, a mesma doença que vitimara sua mãe mais de vinte anos antes.

O luto ainda é forte. Porém, com ela eu aprendi que a força do nosso passado pode ser criadora, mas nós devemos deixá-lo no lugar onde ele merece - atrás de nós, nunca à nossa frente. O nosso caminho ainda não está escrito. Resta-nos a escolha de pedir aos que nos são caros para trilharem-no conosco.

Espero que em 2015 possamos estreitar os laços e os diálogos. A sua presença, o seu exemplo e a sua intelectualidade são inspiradores. Quisera eu ver mais Pracianos pelo mundo. Isto certamente o tornaria um lugar melhor para viver.

Boas festas!

Com afetuoso abraço,

Alberto Dias.

Alberto

Fiquei espantado com certas semelhanças nas nossas histórias.

E me falas dum problema gravíssimo que é o abuso sexual de crianças e adolescentes e das marcas que nelas (ou neles) deixa.

A “minha” Lídice foi de fato como um relâmpago, eu morava em Belém (sou paraense) e estava no último ano do Curso Clássico porque me dirigia para o Direito, quando a conheci, por acaso, estudando alemão com uma velha senhora.

Eramos os dois únicos alunos da velha senhora e de certa forma durante algum tempo lhe fizemos presença. Isto durou dois ou três meses porque em Dezembro eu viajei para Fortaleza para fazer o vestibular de Direito e assim desapareci de Belém e perdi a Lídice.

Mas ela era incrivelmente inteligente e aparentemente havia superado os traumas do abuso sexual porque ela mesmo me falou da coisa neste dois ou três meses de convivência.

Mas ela deixou marcas indeléveis na minha mente, e nossa conversa até me induziu numa busca pelo seu nome sem nada encontrar. Ela tinha características para voar alto, e não sei no que deu.

O trágico, hoje ela deve ter 70 anos, deve ser feia (eu não sou!) talvez não valesse a pena um reencontro! Por sorte não a encontrei, melhor guardar uma agradável lembrança do que destruir um mito!

Tarcisio